

# TEXTOS

prEtextos

~

NÚMERO 20  
PRIMAVERA/VERÃO 2016  
DEZ EUROS



# LITERATURA E FUTEBOL

**A.23**  
EDIÇÕES

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

FLUL

LETRAS  
LISBOA



Centro de Estudos  
Comparatistas  
UIDB/EST/0509/2013

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Unidade de I&D em Comunicação e Linguagem

## **ÍNDICE**

### **5/ EDITORIAL**

#### **TEXTURAS [ENSAIOS]**

**10/** António Sá Moura, "Poesia e futebol: alguns exemplos"

**22/** Norberto do Vale Cardoso, "O Benfica como lição de estética em António Lobo Antunes"

**38/** Nuno Domingos, "Da poesia e do futebol: José Craveirinha e a situação colonial em Moçambique".

#### **CONTRA-SENHA [TESTEMUNHOS]**

**52/** Álvaro Magalhães

**57/** Eric Nepomuceno

**60/** Gonçalo M. Tavares

**62/** Inês Fonseca Santos

**64/** João Assis Pacheco

**68/** Jorge Almeida e Nuno Amado

**74/** Rui Miguel Tovar

**76/** Ruy Castro

#### **VARIAÇÕES [ENTREVISTA]**

**82/** Excertos de entrevistas a Nelson Rodrigues

#### **TEXTUALIDADES [BIBLIOGRAFIA]**

**94/** Bibliografia seleccionada

## FICHA TÉCNICA

### DIRECTORA

Margarida Gil dos Reis (mgilreis@gmail.com)

### DIRECTORA ADJUNTA

Marta Pacheco Pinto (egma@sapo.pt)

### CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva (Univ. Porto)  
Ellen Sapega (Univ. Wiconsin)  
Fernando Guerreiro (Univ. Lisboa)  
Helena Buescu (Univ. Lisboa)  
João Ferreira Duarte (Univ. Lisboa)  
Manuel Gusmão (Univ. Lisboa)  
Paula Morão (Univ. Lisboa)  
Paulo de Medeiros (Univ. Warwick)  
Susan Bassnett (Univ. Warwick)  
Theo D'haen (Univ. Leuven)

### CONSELHO REDACTORIAL T&P20

Catarina Nunes de Almeida  
(c.nunesdealmeida@gmail.com)  
Elisabete Marques (elisabetefm@gmail.com)

### DESIGN GRÁFICO

David Duarte (www.daviduarte.com)

### IMPRESSÃO

A.23 EDIÇÕES

### PROPRIEDADE

Centro de Estudos Comparatistas  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
textosepretextos@gmail.com

### ISSN

1645-6017

### DEPÓSITO LEGAL

196 998 / 03

### PREÇO DE CAPA

10 Euros (com IVA incluído à taxa legal)

### EDIÇÃO

Centro de Estudos Comparatistas

TODOS OS ARTIGOS SÃO DA INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.  
©2016 Textos e Pretextos e colaboradores deste número



© Direitos reservados

# DA POESIA E DO FUTEBOL: JOSÉ CRAVEIRINHA E A SITUAÇÃO COLONIAL EM MOÇAMBIQUE

NUNO DOMINGOS

This article makes an attempt to interpret how the Mozambican poet José Craveirinha used the game of football to pursue a critical analysis of the colonial situation in Mozambique in the fifties. Accepting the game as a legitimate cultural practice, Craveirinha interpreted its role as a means through which Africans in the poor suburbs of Lourenço Marques could demonstrate their capacity of appropriation and recreation of practices brought by the European colonizer. His formal analysis of the game has relevant correspondences with his poetry practice.

**Keywords:** football, poetry, Portuguese colonialism, José Craveirinha, Mozambique

A relação do poeta José Craveirinha com o futebol não será a mais simples de enunciar. Se ela ilustra a situação comum do escritor interessado por um tema específico, o modo como o examina abre caminhos de investigação invulgares. O gosto de Craveirinha pelo futebol será em parte explicado pela omnipresença do jogo no quotidiano de Lourenço Marques, capital de Moçambique colonial, hoje Maputo, onde nasceu em 1922, filho de pai algarvio e de mãe moçambicana. Pela cidade, como referiu numa entrevista concedida pouco tempo antes da sua morte em 2003, havia “futebol por todo o lado. Onde houvesse espaço, havia futebol” (Thomaz e Chaves 2003, 418). Praticante competente em clubes como o Atlético e o Desportivo de Lourenço Marques, Craveirinha atribuía ao desporto uma indispensável função educativa. Desde o bairro da Mafalala acompanhou o processo de desportivização na cidade, nomeadamente nos subúrbios onde viviam os mais pobres, quase todos africanos negros, trabalhadores que suportavam o crescimento da actividade económica local, mas também imigrantes a laborar na indústria mineira da vizinha África do Sul. No campeonato da Associação de Futebol de Lourenço Marques, onde jogavam as principais equipas formadas por colonos, assistiu com dedicação à sorte do seu Desportivo. Mas por diversos motivos prestou especial atenção às peripécias do campeonato da Associação de Futebol Africana, fundada em 1924 na periferia da cidade e onde se juntaram em inúmeras competições mais de uma dezena de clubes de bairro, de proveniência regional e religiosa diversa. Como reconheceram alguns dos mais famosos jogadores de Lourenço Marques, Craveirinha envolveu-se neste movimento desportivo e desempenhou um papel decisivo no acompanhamento do percurso das jovens promessas da “cidade de caniço”, como chamavam aos subúrbios nos tempos coloniais<sup>1</sup>.

A situação colonial na capital de Moçambique intensificou o seu compromisso com o desporto local, sobre a qual escreveu dezenas de artigos, em nome próprio ou usando

1) Como referiu em entrevista recente Hilário Rosário da Conceição, jogador do Sporting Clube de Portugal e internacional português (Domingos 2013, 225-248).

pseudónimos, em jornais como *O Brado africano* e *Notícias de Lourenço Marques*<sup>2</sup>. Num contexto jornalístico controlado e sujeito à censura, o futebol proporcionou ao poeta um meio de intervenção. Craveirinha protestou contra a discriminação de jogadores negros e mestiços nos clubes da baixa da cidade, onde apenas um exíguo número de assimilados atuava e representava as seleções de Lourenço Marques. Face ao poder dos clubes, defendeu o direito dos atletas a acederem a uma mobilidade profissional, num contexto onde alcançar um vínculo desportivo significava quase sempre a obtenção de um emprego. Aplicou ainda o seu tempo a estudar a *performance* das equipas. Mostrou-se preocupado, por exemplo, com o efeito negativo dos esquemas táticos importados por jornais e treinadores metropolitanos sobre os singulares estilos de jogo dos subúrbios de Lourenço Marques (Craveirinha 1959, 6).

Os desempenhos desportivos nos campos da periferia demonstravam que o africano, não apenas o membro das elites mestiças e negras, mas também o indígena mais pobre, podia apropriar-se e recriar uma actividade moderna trazida para África pelo colonizador. Tal constatação levou-o a escrever sobre o estilo do jogador no subúrbio. O futebol não se lhe declarava apenas útil enquanto expediente para reivindicar direitos face às políticas de discriminação racial e social. A apropriação e reinterpretção da linguagem do jogo implicava o domínio, mesmo que rudimentar, de uma técnica, a partir da qual se poderia exprimir uma condição social e cultural, tal como na poesia. Tratava-se principalmente, como defendeu em *O Brado africano*, de considerar o futebol como um dos universos de relação entre a modernidade e o indivíduo africano. Esta heterodoxia colocou-o em confronto com alguns membros das elites negras e mestiças de Lourenço Marques que consideravam não se encontrar o futebol entre os elementos do que designavam, repisando a retórica do colonizador, por “civilização europeia”. Dizia Craveirinha na entrevista já mencionada:

Amigos meus me perguntam: “Como é que tu te arranjas com futebol e poesia? Não dá!” E eu respondo que o futebol nem a poesia precisam de árbitros, e uma coisa recomenda a outra. Havia dúvidas: “Como é que tu consegues? Como é que tu escreves isso se jogas futebol?” Havia pois uma corrente que não aceitava que um futebolista pudesse escrever versos. (Thomaz e Chaves 2003, 420)

As políticas desportivas promovidas pelo Estado colonial, em linha com o modelo de educação física organizado no Portugal metropolitano na década de trinta, atribuíam ao futebol, esse desporto de massas e paixões incontroláveis, um estatuto de semelhante menoridade. Para grande parte da pequena burguesia africana, as atividades mais nobres trazidas pela civilização europeia eram as que definiam a condição do assimilado, nomeadamente as obtidas pelo contacto prolongado com a educação formal. O domínio

2) Craveirinha escreveu sob os seguintes pseudónimos: Jesuíno Cravo, Abílio Cossa, José Mangachane, António Sousa.

da leitura e da escrita, debilmente promovido por um sistema educativo ineficiente e discriminador, era inacessível à maioria dos habitantes dos subúrbios da capital de Moçambique. O futebol, pelo contrário, como compreendera Craveirinha, revelara-se um notável elemento de adaptação urbana, estimulando a criação de laços sociais, de um movimento associativo específico e de um novo espetáculo público na periferia. A *performance* desportiva, por seu turno, possibilitava um conjunto de interpretações sociais, políticas e estéticas. Como a manipulação da escrita para efeitos literários, a recriação formal do jogo carecia, no entanto, de explicação. Na sua qualidade de jornalista, Craveirinha iniciou esta tarefa.

### Poesia e futebol

Craveirinha não era apenas um poeta que jogava e apreciava futebol ou, visto de outra forma, um futebolista que escrevia versos. Rejeitando a distinção ontológica entre as duas perícias, preferiu realçar o que lhes era comum, nomeadamente a sua tecnicidade e linguagens próprias, sem deixar com isto de reconhecer diferenças entre o modo como eram apropriadas. Ambas as linguagens admitiam, porém, um exercício de subversão criativa. O percurso fracionado do poeta, um mestiço a navegar entre a fronteira geográfica, social e simbólica dos dois territórios que, separados, constituíam a cidade colonial, ajuda a explicar a origem destas inusitadas considerações. Mas a estratégia que escolheu para superar do habitual fosso cavado entre ofícios com usos sociais e significados simbólicos tão distintos talvez seja melhor enunciada pelo encontro singular entre a paixão pelo futebol e os debates mais vastos sobre o processo de aculturação e adoção formal em contexto africano. Estas discussões acompanharam o desenvolvimento de uma poesia de expressão local, no qual o poeta de Lourenço Marques foi protagonista principal. A sua interpretação do significado dos gestos e movimentos dos jogadores do subúrbio de Lourenço Marques é passível de ser relacionada com o processo de formação de uma poesia local, vinculada por diversos estudiosos do tema a referentes coletivos (“ultramarina”, “africana”, “negra”, “moçambicana”, de “raiz portuguesa”, de “expressão portuguesa”), que lhe garantiriam um determinado sentido histórico e político.

Não caberá aqui recuperar as conclusões destes trabalhos nem destrinçar aquilo que os distingue. Importa assinalar, porém, que os mais relevantes, adotando distintos ângulos, cuidaram de situar a obra do poeta no contexto dos movimentos de reação

ao colonialismo português<sup>3</sup>. Fala-se então da emergência de uma poesia de “expressão portuguesa”, “negra”, “africana” ou “moçambicana”; de uma poesia que conferia estatuto narrativo ao africano, em contraste com as chamadas literaturas coloniais; de uma poesia política e nacionalista, crítica do sistema colonial; de uma poesia que bebia nas tradições orais e em cosmologias particulares; e mais frequentemente de uma poesia fundadora de uma literatura nacional nascente, um presságio de um futuro independente da tutela colonial para o êxito do qual interessava eleger a obra de Craveirinha como sustentáculo de uma nova cultura moçambicana. A apropriação da linguagem poética por parte de Craveirinha, como por outros nomes destacados deste movimento, conduziu os especialistas na obra do autor a um detalhado exame formal. Salientou-se nestas apreciações o processo de transformação e subversão da língua portuguesa. Esta foi tomada por autores que, conhecendo por leitura a evolução de um campo literário internacional e os trabalhos de algumas das suas figuras principais, encontraram na poesia um veículo para refletir politicamente sobre a sua experiência concreta.

Sobre a experimentação poética presente na obra de Craveirinha vários investigadores esmiuçaram a sua arte de transfigurar o português. Este gesto político inspirava-se numa leitura do real inspirada nos teóricos da negritude, nas tradições de literatura social comprometida, desde o neorealismo português até a alguma literatura latino-americana e norte-americana, passando pelo surrealismo. Num contexto de apropriação moderna, estas influências manifestavam-se por uma inovadora metamorfose formal. O recurso a vocábulos e expressões em ronga, língua dominante em Lourenço Marques, levou à inserção na estrutura dos poemas dos nomes tradicionais de lugares, práticas (danças, saudações, práticas religiosas) e objetos e outros nomes ligados ao quotidiano (alimentos, bebidas, instrumentos de trabalho, animais), entretanto redenominados pelo colonizador, bem como de expressões usadas para descrever processos típicos do tempo colonial, nomeadamente os que envolviam formas de exploração laboral (como o *xibalo*, o trabalho forçado, o *mavique*, o trabalhador pago à semana, o *magaiça*, o trabalhador

3) Sem intuítos de exaustividade, e portanto correndo o risco de omissões, nem de destrinça quanto aos conteúdos das análises, importa elencar algumas destas obras, algumas centradas no autor, outra de natureza mais geral: Mário Pinto de Andrade. 1951-1952. A literatura negra e os seus problemas. *Mensagem* 12 (III, jan.-jul.) e 13 (jan.), 1-3 e 14-17; Luís Polanah, sel. 1962. *Poetas de Moçambique*. Apresentação de Alfredo Margarido. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império; Russel G. Hamilton. 1975. *Voices from the Empire. A History of Afro-Portuguese Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press; Rui Baltazar. [S. d.]. *Sobre a poesia de José Craveirinha*. Cadernos de Consulta, n.º 7. Maputo: Associação de Escritores Moçambicanos; José Augusto França. 1985. *Littératures africaines de langue portugaise: à la recherche de l'identité individuelle et nationale*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian; Ana Mafalda Leite. 1991. *A Poética de José Craveirinha*. Alto dos Moinhos: Vega; Lourenço Joaquim da Costa Rosário. 1989. *A Narrativa africana de expressão oral*. Angolê, Diálogo Convergência. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Pires Laranjeira. 1995. *A Negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento; Manuel Ferreira. 1997. *No Reino de Caliban III*. Moçambique/Lisboa: Plátano Editora; Gilberto Matusse. 1998. *A Construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane; Raúl Alves Calane da Silva. 2002. *A Pedagogia do léxico, as escolhas lexicais bantus, os neologismos luso-rongas e a sua função estilística e estético-nacionalista nas obras Xibugo e Karingana was Karingana de José Craveirinha*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa. Porto/Maputo: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ Universidade Pedagógica Moçambique; Rita Chaves. 1999. José Craveirinha, da Mafalala, de Moçambique, do mundo. *Via atlântica* 3: 140-168.

emigrado nas minas sul-africanas) (Calane da Silva 2002, 106-142). A expressão de um sentimento anticolonial conduziu também à utilização, mais rara, de verbos em ronga, meios de apelo à mobilização (*seketela*: “levantar”, “levanta-te”; *tchiam*: “tocar”, “fazer soar “bater”; *xicombela*: pedir, implorar). Por diversas vezes Craveirinha adaptou ainda a língua portuguesa ao contexto social e político do Moçambique colonial, o que ofereceu uma estrutura distinta às ações evocadas nos poemas (“desenfeitados”, “cocacolizados”, “surumadas”, “camionizada”, “desmolequizados”, “munhuanizado”, “invendido”) (Leite 1991, 56)<sup>4</sup>.

A alteração intencional da sintaxe por influência dos ritmos e significados presentes em tradições orais procurava concretizar a ideia de que estes poemas, mais do que lidos, existiam para ser ouvidos, condição de possibilidade da sua expansão entre as populações não alfabetizadas<sup>5</sup>. O recurso à oralidade não se justificava apenas por esta função prática, já que a própria dinâmica narrativa dos poemas apresentava semelhanças com a estrutura narrativa dominante nas tradições orais, e por vezes também com a sua moral subjacente.

### A linguagem do jogo

Algumas das interpretações sobre a poesia de Craveirinha são proveitosas para abordar os seus textos sobre a linguagem do futebol e para identificar homologias no tratamento de ambos os assuntos. Craveirinha observava todo um universo de trocas quando acompanhava os jogos do campeonato de futebol da Associação de Futebol Africana no campo de Xipamanine, mas também nas partidas informais, as chamadas “peladas de bairro”, disputadas entre jogadores de todas as idades nos espaços abertos na malha urbana. O futebol possuía a vantagem de convocar um sujeito político criador muito mais amplo do proporcionado pelo domínio da forma poética, necessariamente confinado a uma elite letrada; consagrava a inventividade do africano comum, não apenas nas atividades ditas tradicionais, nas danças, no domínio dos instrumentos musicais, na escultura – tradições que também não eram imóveis e se recriavam constantemente, como por diversas vezes salientou (Craveirinha 2008) –, mas numa atividade moderna e globalizada, com uma linguagem codificada, que agora cabia transformar e desrespeitar.

Num dos seus primeiros textos sobre o futebol suburbano, Craveirinha nomeou o negro como o sujeito de uma vocação desportiva que vinha sendo bloqueada pelas políticas racistas em Lourenço Marques (Craveirinha 1954, 2). Essa vocação foi inicialmente

4) Sobre a transformação da língua portuguesa em Moçambique, veja-se: Gregório Firmino. 2002. *A “Questão linguística” na África Pós-colonial: o caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: PróMédia.

5) Como notou Alfredo Margarido no prefácio a *Poetas moçambicanos* (Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1962).

justificada pelo valor intrínseco da raça, argumento essencialista utilizado pelo poeta por diversas ocasiões e que não deve deixar de ser considerado face à retórica e à prática de um sistema colonial que justificou o seu domínio pela superioridade racial e civilizacional europeia. A possibilidade conferida por “um dom natural”, que levava os jogadores de futebol a “executar verdadeiros tratados em arte de fintar, driblar e obter golos e quando nas balisas de defender, tudo com um gosto vivo de deleite e malícia” era uma condição do processo de apropriação: “[A] facilidade com que deparamos o miudinho suburbano a dominar e a ‘gostar’ no pé descalço a velha bola de ténis, numa idade em que noutra raça, tais malabarismo são tabú ainda, leva-nos a supor quão acessível deve ser a franca canalização dessa habilidade espontânea que várias vezes nos maravilhou” (Craveirinha 1954, 2). Meses mais tarde, em “O Negro, o desporto e o feiticismo”, Craveirinha voltou ao tema:

Essa predisposição parece-nos poder atribuir-se não só aos méritos de resistência e elasticidade com que a natureza dotou grande contingente de raças negras, mas também de um estranho e invulgar poder de captação e improvisação em que o senso instintivo menos embotado que no ocidental o africano ocidentalizado, se revela exuberantemente. O negro vive – e com que calor! – determinada modalidade desportiva, entregue a uma vibração sensorial muito rara em outros grupos rácicos. Ele tem o sentimento de competição estreitamente ligado ao sentido de humor, do feiticismo, do pundonor e do culto da família. (Craveirinha 1955a, 8)

A questão do feiticismo permitiu a Craveirinha explorar a relação do jogo com dimensões da cultura local. Estas formas culturais, transmutadas em estruturas mentais, num certo “psiquismo”, como se lhe referiu, exprimiam-se nas *performances* em campo. Agente da resolução de problemas existenciais, o feiticismo respondia aos “novos impulsos vindos do estímulo da civilização sobre os seus velhos tabús, crenças, superstições” (Craveirinha 1955a, 8). Característica de um certo “atraso”, o “primitivismo psíquico” revelado por estas crenças encontrava-se em constante evolução. O jogo demonstrava-se um observatório extraordinário da dinâmica urbana e da inventividade dos habitantes da periferia:

O seu sentido de humor reflecte-se na alegria do jogo, teatralidade nas fintas e dribles e expressões que usa para amesquinhar chocarrearmente o jogador que acaba de ser iludido: “pysonho”, “psyêtu”, etc (leia-se psonho e psêto) termos onomatopéicos que só ali se aplicam. (Craveirinha 1955a, 8)

As trocas culturais e sociais que se sucediam nos campos do subúrbio mereciam, considerou o poeta, “todo um tratado de etnografia útil e instrutivo” (Craveirinha 1955a, 8). Os textos de Craveirinha, apontando diferentes caminhos de explicação, nunca anunciaram claramente as bases a partir das quais se estruturaria tal plano de trabalho. Será legítimo procurar nas suas descrições os indícios que sugerem que os estilos de

jogo do subúrbio, mais do que resultarem de uma habilidade inata, das competências corporais da raça, ou da projeção de uma estrutura mental culturalizada, respondiam a uma certa economia moral, para recuperar o conhecido termo de Thompson (2008), ou, para se ser mais preciso, a uma economia das práticas e das trocas simbólicas (Bourdieu 2003), inevitavelmente relacionada com a situação colonial<sup>6</sup>.

No seu mais desafiador artigo sobre o futebol suburbano, Craveirinha levou a um outro nível, infelizmente sem continuidade, a sua pesquisa sobre a adoção formal do *football association* pelo subúrbio de Lourenço Marques. Logo nas primeiras palavras de “Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação”, justifica o interesse em elencar um conjunto de termos “da gíria futebolística do africano local (ronga) [...] não só porque ela revela da parte do indígena um espírito pronto para se adaptar a coisas novas como também para transformá-las ou então redescobri-las” (Craveirinha 1955b, 8). Em vez do “negro”, sujeito dos artigos anteriores, Craveirinha nomeia aqui o “indígena” como o agente da apropriação, invocando assim uma condição de subalternidade política e económica imposta pelo colonialismo e apenas indiretamente uma pertença racial. Menos dependente das características da raça e da sua cultura, o indígena surge aqui como um indivíduo ativo, em toda a sua força criadora, representado como aquele que possuía “uma riqueza de fantasia por assim dizer extraordinária e inesgotável quando algo lhe chama a atenção altamente sensível” e também um “alto sentido de malícia” (Craveirinha 1955b, 8).

Todas as palavras indicadas no pequeno glossário de termos futebolísticos publicado por Craveirinha encontravam-se em ronga. Num jogo dominado por uma nomenclatura inglesa (*corner, penalty, off-side*) que os portugueses vinham substituindo por vocabulário próprio, o futebol do subúrbio ensaiou uma ocupação linguística do jogo de futebol. Utilizadas tanto pelos jogadores como pelo público para descreverem ações do jogo, estas palavras não substituíam as designações portuguesas e inglesas, que se mantinham presentes no vocabulário dos intervenientes. Tais termos referiam-se assim a momentos do jogo e a ações para os quais não havia designações equivalentes em português e em inglês<sup>7</sup>. Por exemplo, no caso de “*Pandya*: (Lê-se pandja). Enquanto em português não temos palavra que exprima o momento em que os pés dos jogadores ao disputar a bola, chutam nela simultaneamente, e causam um som característico pelo impacto, o desportista africano criou a palavra *pandya* a qual traduzida à letra quer dizer rachar, ou rebenta! Este termo entrou já na gíria portuguesa local” (Craveirinha 1955b, 8).

6) Foi este caminho de investigação que procurei prosseguir em: Nuno Domingos. 2012. *Futebol e colonialismo. Corpo e cultura popular em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

7) Realizei uma primeira análise destes termos em: Nuno Domingos. 2006. Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano. *Análise social* XLI (179): 397-416.

Craveirinha não descrevia apenas um processo de reinvenção confinado ao mundo do africano, já que algumas destas palavras acabaram por penetrar o espaço do colono, o que invertia os trâmites do processo de assimilação e de aculturação. Noutras ocasiões, o poeta referiu-se à migração destes termos para os campos de futebol da metrópole, levados pelos craques que se transferiam de Lourenço Marques para os clubes de Portugal continental. Parte dos gestos descritos remetia para ações impetuosas, como *Beketela*: “O jogador que prevê a entrada de um adversário e apoia o seu pé na bola de maneira a provocar o choque que muitas vezes causa traumatismos graves a quem chuta e quase sempre a sua queda”; ou *Wandla*: “É o atrasar-se de propósito no lance de maneira que o adversário chute primeiro mas com o próprio impulso vá roçar fortemente a parte compreendida pela canela nas traves da bota aparentemente inofensiva no ar. Tradução: descascar”; ou ainda *Tymbela* (tchimbela): “O fazer de um adversário alvo da bola chutada com a máxima violência para sua intimidação em futuras jogadas em que se pode ganhar o lance só com a ameaça de chutar, o que quase sempre leva o visado a dar as costas à bola, sendo depois driblado com a maior da facilidade” (Craveirinha 1955b, 8).

Na ausência de uma interpretação culturalista da performance sobressai a importância da astúcia e da inteligência do jogador, aquele que prevê, aquele que antecipa, aquele que giza estratégias. Estas faculdades são reforçadas pela enumeração de outro conjunto de gestos típicos do jogo suburbano que remetiam para um domínio técnico apurado:

*Hpfa*: É o instante preciso em que o jogador acaba de ser driblado ou fintado e ainda está em desequilíbrio ou precisamente quando se dá o facto: a bola tocar nas redes, o ruído de bota com bota, bota com bola, etc.; *Psêtu*: Usa-se para zombar do adversário no lance em que acaba de ser batido. É de origem onomatopaica; *Pyonyo*: Quando o mesmo lance acima referido é repetido ou mais demorado na sua execução, neste caso traduzido significa: acabar; com o jogador; *Wupfetela*: chama-se à jogada em que o jogador visa o guarda-redes com o fito de o cansar e desmoralizar pela contínua acção. O termo vem do temperar um cozinhado e significa temperar o guarda-redes pelo cansaço. Há, como se pode ver, uma grande dose de psicologia nesta jogada. (Craveirinha 1955b, 8)

A ocupação linguística do jogo anunciava uma apropriação da própria performance, dos seus ritmos e coreografias, mas também da sua moralidade, assente no cumprimento estrito das regras estipuladas pelos centros codificadores da modalidade, nomeadamente o *International Board*. O futebol adquiria uma oralidade própria comparável a algumas dinâmicas identificadas na prática poética em Moçambique. Os gestos predominantes neste desempenho assinalavam-se pelos sons da expressão oral, com uma dimensão onomatopaica; exportavam significados correntes (rachar, descascar), dando-lhes uma nova competência, a de descrever uma ação executada numa performance desportiva. Estes gestos, descritos pela língua local, ajudavam a contar as narrativas que ocorriam

no terreno de jogo, criando uma estrutura de ações fundamentais e elegendo os protagonistas destas ações. Os melhores deles eram os heróis destas histórias. O corpo era assim o meio de uma performance organizada, uma forma de contar histórias que não se encontrava pré-definida, como num guião escrito, mas cujas bases estavam ainda assim delimitadas. O público participava nesta narrativa comentando a performance, repetindo os termos, intervindo para apoiar os seus favoritos, acrescentando dramatismo à ação em campo, elogiando os mais hábeis e zombando os derrotados. Esta apropriação criava uma linguagem que era também uma forma de ler o mundo, de o traduzir e sob certa perspetiva de o criticar.

A economia singular do jogo suburbano apresentava uma estética fundada num ritmo singular, comparável ao ritmo de um poema. Neste último artigo de Craveirinha, o sujeito criador, mais do que responder a uma condição prescritiva, “o africano”, “o negro”, é mais corretamente o habitante do subúrbio, sendo o subúrbio aqui entendido como o resultado de um conjunto de relações, práticas e valores. Indo um pouco mais longe, é o próprio subúrbio e o seu ritmo que parecem conceber o estilo de jogo dos campos da periferia. E será à luz destas condições locais, onde se juntam tradições com modernidades urbanas, que devem ser interpretadas faculdades como a malícia, um dos atributos da economia do jogo nos subúrbios de Lourenço Marques.

Se Craveirinha nos oferece generosamente os dados para prosseguirmos esta linha de interpretação, é justo dizê-lo que nos seus textos tal proposta partilha com outras análises, menos estimulantes, a autoridade para explicar a poética do jogo suburbano.

### Dos limites e potencialidades da linguagem

As diferenças entre a criatividade formal do poeta e a do jogador colocam questões em relação ao modo como Craveirinha pensava as potencialidades do futebol. Nas suas descrições do jogo nomeia-se sobretudo um sujeito criador coletivo, muitas vezes similar ao “povo” criador do folclore. Já nas análises de variados autores sobre a criação poética local, o interesse em relacionar os versos com uma pertença específica, étnica, social ou cultural, é quase sempre acompanhado por referências ao estatuto autoral do intérprete. Este é avaliado pelo talento singular do autor, que assina em nome próprio e tem uma existência pública, mas também pela relação deste com instâncias de mediação próprias, que configuram a existência de um campo de atividade específico. É esta circunstância que permite situar a obra de Craveirinha num universo amplo de criação literária, onde se destacam movimentos, escolas e estilos. Embora o grau de relação entre Craveirinha e o campo literário não seja comparável ao de um jogador suburbano com um campo de práticas desportivas, a verdade é que entre o desempenho desportivo e a influência de uma condição externa observava-se também o efeito

deste espaço de relações específico a que podemos chamar “campo”. Esta presença é mensurável pelo modo como se aplicam aos desempenhos desportivos princípios de organização dos movimentos individuais e coletivos. Mesmo nos mais informais jogos suburbanos existiam noções sobre a organização do conjunto e as funções individuais que remetiam para a circulação internacional de um pensamento sobre o jogo. Estes princípios teóricos procuravam facultar às equipas os instrumentos eficazes para a conquista da vitória. Sendo o domínio destes princípios táticos comparável à manifestação de uma certa consciência literária, e portanto um indício de modernidade, importava perceber se Craveirinha considerava predominantemente o jogador africano como alguém que possuía um dom, fosse este explicado por faculdades naturais ou por propriedades adquiridas socialmente, ou se, pelo contrário, como os poetas, seria também elegível para interpretar consciente e intencionalmente novas linguagens e subvertê-las. Sobre esta interrogação não existem dados inequívocos. Há vestígios, porém, que levam a considerar que o poeta não imputava ao futebol apenas a função de recetáculo passivo de uma criatividade estimulada pelo exterior. Atribuiria assim ao jogo um estatuto comparável ao da poesia, o que se traduzia na posse de uma linguagem em evolução reflexiva.

A crítica que realizou à profusão pelo subúrbio de uma “mentalidade tática” que destruía a criatividade do jogador africano não implicava a rejeição da tática enquanto método de reconfiguração criativa da *performance*. Craveirinha denunciou a importação superficial de esquemas táticos por treinadores e jogadores que não se encontravam preparados para os manipular devidamente: “Tática exige estudo, conhecimentos, inteligência, observação, psicologia. Um jornal na mão não dá isso tudo. Faz é confusão. E foi o que aconteceu: Nem tática nem liberdade de criar conforme a intuição natural e espontânea” (Craveirinha 1959, 6). Noutro artigo, em que refletiu sobre algumas das carências do desporto local, afirmou: “Não acredito em raças eleitas, climas privilegiados e outras ‘explicações’ da nossa insuficiência no desporto internacional. Acredito no trabalho insistente, contínuo, permanente e em parques de jogos, piscinas e ginásios sob a orientação de bons professores” (Craveirinha 1961, 7). O estudo e os conhecimentos implicados na aplicação de uma razão tática, aliados ao trabalho corporal necessário para depois a concretizar durante o desempenho, denota a existência de um espaço de racionalização da linguagem do jogo, preenchido, tal como no seu equivalente literário, por lutas pela definição da competência formal e dos significados que esta produz.

Para José Craveirinha, o futebol foi simultaneamente um prazer e um meio para falar sobre o mundo, para comentar a vida na cidade de Lourenço Marques, para fazer crítica política e social. Mas a exploração da linguagem do futebol na concretização deste programa tornam os seus textos mais extraordinários. O tratamento rigoroso e profundo do jogo, tipicamente reservado a atividades “mais sérias”, revela uma interpretação

pioneira, que convoca instrumentos de interpretação que apenas bastante mais tarde se tornarão comuns na análise do futebol.

## BIBLIOGRAFIA

Bourdieu, Pierre. 2003. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

Calane da Silva, Raúl Alves. 2002. *A Pedagogia do léxico, as escolhas lexicais bantus, os neologismos luso-rongos e a sua função estilística e estético-nacionalista nas obras Xibugo e Karingana was Karingana de José Craveirinha*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa. Porto/Maputo: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Universidade Pedagógica Moçambique.

Craveirinha, José. 1954. O Negro no desporto de Lourenço Marques: uma contribuição para o franco aproveitamento da espantosa vocação do africano para a prática desportiva. *O Brado africano*, 23 de janeiro, 2.

—. 1955a. O Negro, o desporto e o feiticismo. *O Brado africano*, 22 de janeiro, 8.

—. 1955b. Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação. *O Brado africano*, 12 de fevereiro, 8.

—. 1959. A tática acima da técnica. *O Brado africano*, 11 de Abril, 6.

—. 1961. [S/T]. *Notícias da tarde*, 17 de Abril, 7.

—. 2008. *O Folclore moçambicano e as suas tendências*. Maputo: Alcance Editores.

Domingos, Nuno. 2013. Dos subúrbios da Lourenço Marques colonial aos campos de futebol da metrópole. Uma entrevista com Hilário Rosário da Conceição. *Cadernos de Estudos Africanos. Número especial: Em torno das práticas desportivas em África* (org. Nuno Domingos e Augusto Nascimento) 26 (jul.-dez.): 225-248.

Leite, Ana Mafalda. 1991. *A Poética de José Craveirinha*. Alto dos Moinhos: Vega.

Thomaz, Omar Ribeiro, e Rita Chaves. 2003. Entrevista. José Craveirinha. *Scripta* 6 (12): 415-425.

Thompson, E. P. 2008. *A Economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII*. Lisboa: Antígona.

## Nota biográfica

Nuno Domingos é investigador de pós-doutoramento do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e investigador associado da School of Oriental and African Studies (SOAS) da Universidade de Londres. Tem um doutoramento em antropologia social (SOAS, University of London) com um trabalho sobre futebol no Moçambique colonial, publicado em português em 2012 (*Futebol e colonialismo. Corpo e cultura popular em Moçambique*, Lisboa, ICS).

## Biographical note

Nuno Domingos is postdoctoral research fellow at the Institute of Social Sciences of the University of Lisbon and a Research Associate of the SOAS Food Studies Centre from 2009-2011. He was awarded his PhD in Social Anthropology (SOAS, University of London) in 2009, with a work on the history of football in Colonial Mozambique published in Portuguese in 2012 (*Futebol e colonialismo. Corpo e cultura popular em Moçambique*, Lisbon, ICS).